

# A TEORIA DA DEPENDÊNCIA

50 ANOS DEPOIS

*CLAUDIO KATZ*



expressão  
POPULAR

**A TEORIA DA DEPENDÊNCIA  
50 ANOS DEPOIS**



CLAUDIO KATZ

**A TEORIA DA DEPENDÊNCIA  
50 ANOS DEPOIS**

1ª edição

Expressão Popular

São Paulo – 2020

Copyright © 2020, by Editora Expressão Popular Ltda.

Traduzido de: *Katz, Claudio. La teoría de la dependencia, cincuenta años después. Buenos Aires: Batalla de Ideas, 2018.*

Tradução: *Maria Almeida*

Revisão: *Cecília da Silveira Luedemann, Lia Urbini, Miguel Yoshida e Aline Piva*

Projeto gráfico e diagramação: *Zapdesign*

Capa: *Fernando Badharó – Cpmídias*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

K19t

Katz, Claudio, 1954-

A teoria da dependência cinquenta anos depois /  
Claudio Katz; tradução: Maria Almeida. --1.ed. —São Paulo  
: Expressão Popular, 2020.  
384 p.

Tradução de: La teoría de la dependencia, cincuenta  
años después.

Indexado em GeoDados - <http://www.geodados.uem.br>  
ISBN 978-65-991168-6-5

1. Teoria da dependência – América latina. I. Almeida,  
Maria. II. Título.

CDD 330

CDU 33

Catalogação na Publicação: Eliane M. S. Jovanovich CRB 9/1250

1ª edição: agosto de 2020

EDITORA EXPRESSÃO POPULAR LTDA

Rua Abolição, 201 – Bela Vista

CEP 01319-010 – São Paulo – SP

Tel: (11) 3112-0941 / 3105-9500

livraria@expressaopopular.com.br

www.expressaopopular.com.br

 ed.expressaopopular

 editoraexpressaopopular

# Sumário

NOTA EDITORIAL .....	7
PRÓLOGO .....	11

## PARTE I

1. MARX E A PERIFERIA .....	21
2. O SUBDESENVOLVIMENTO NOS MARXISTAS CLÁSSICOS .....	45
3. CENTRO E PERIFERIA NO MARXISMO DO PÓS-GUERRA.....	69

## PARTE II

4. O SURGIMENTO DAS TEORIAS DA DEPENDÊNCIA .....	97
5. CRÍTICAS E CONVERGÊNCIAS COM A TEORIA DA DEPENDÊNCIA .....	121
6. A TEORIA DA DEPENDÊNCIA E O SISTEMA-MUNDO .....	145
7. TRÊS ETAPAS DA VISÃO METRÓPOLE-SATÉLITE .....	169
8. ARGUMENTOS ANTIDEPENDENTISTAS .....	193

## PARTE III

9. SUBIMPERIALISMO (I): REVISÃO DE UM CONCEITO .....	223
10. SUBIMPERIALISMO (II): APLICAÇÃO ATUAL .....	243
11. ACERTOS E PROBLEMAS DO CONCEITO DE “SUPEREXPLORAÇÃO” .....	267
12. SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS COM A ÉPOCA DE MARINI .....	293
13. O CICLO DEPENDENTE, 40 ANOS DEPOIS .....	315
14. DEPENDÊNCIA E TEORIA DO VALOR .....	341
EPÍLOGO .....	365
REFERÊNCIAS .....	369



## NOTA EDITORIAL

Às vésperas de comemorar 40 anos, em fevereiro de 2021, o ANDES-SN (Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior) estabelece uma parceria com a Editora Expressão Popular para fortalecer a perspectiva da produção clássica e crítica do pensamento social.

O movimento docente das instituições de Ensino Superior no Brasil teve início em um ambiente hostil para a liberdade de expressão e associação do(a)s trabalhadore(a)s, pois era o período de enfrentamento à ditadura civil-militar (1964-1985). Foi nesse período que a Associação Nacional dos Docentes de Ensino Superior, a ANDES, nasceu. Um processo de criação calcado em uma firme organização na base, a partir das Associações Docentes (AD), que surgiram em várias universidades brasileiras a partir de 1976. Após a Constituição Federal de 1988, com a conquista do direito à organização sindical do funcionalismo público, a ANDES é transformada em o ANDES-SN, sindicato nacional. Toda a sua história é marcada pela luta em defesa da educação e dos direitos do conjunto da classe trabalhadora, contra os autoritarismos e os diversos e diferentes ataques à educação e à ciência e tecnologia públicas. Também é marca indelével de sua história a defesa da carreira dos/as professores/as e de condições de trabalho dignas para garantir o tripé ensino-pesquisa-extensão.

A luta da ANDES e, posteriormente do ANDES-SN, sempre foi marcada por uma leitura materialista e dialética da realidade. As análises de conjuntura que sistematicamente guiaram as ações tanto da associação quanto do sindicato



sempre assumiram como base os grandes clássicos da crítica à Economia Política. Valorizá-los neste momento não é olhar o passado, muito ao contrário, significa fortalecer as bases que nos permitem fazer prospecções sobre a conjuntura e preparar-nos para a ação vindoura.

Em tempos de obscurantismo e de ascensão da extrema-direita, de perseguição à educação pública e aos/às educadores/as, de mercantilização da educação e da ciência e tecnologia, de desvalorização do pensamento crítico, de tentativa de homogeneização da ciência e de criminalização dos que lutam, ousamos resistir, ousamos lutar, nas ruas e também na disputa de corações e mentes. Por isso, ao celebrar os 40 anos de luta do ANDES-SN, a realização dessa parceria, que divulga e revigora a contribuição de pensadores/as clássicos/as, fortalece nossa perspectiva crítica e potencializa nossas lutas.

Reafirmar nosso compromisso com a defesa intransigente da educação pública, gratuita, laica, de qualidade, socialmente referenciada, antipatriarcal, antirracista, anticapacitista, antimachista, antilgbtfóbica é uma das tarefas centrais do atual tempo histórico. Não há melhor forma de reafirmar nosso compromisso do que lançar luz às questões centrais do capitalismo dependente, dar visibilidade à luta de classes e à necessária construção de um projeto de educação emancipatório.

\*\*\*

Este livro é o terceiro da série sul global, publicada em parceria com o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social. A proposta dessa série é publicar textos sobre a atualidade das categorias marxistas para a compreensão do capitalismo no século XXI em sua dinâmica de expansão e acumulação, a partir de uma perspectiva emancipatória.

Neste livro, Claudio Katz traz um rico e instigante debate sobre a atualidade da teoria marxista da dependência, elaborada

originalmente nos anos 1970, estabelecendo um diálogo polêmico e fecundo para a análise da América Latina hoje.

Boa leitura!

Diretoria Nacional do ANDES-SN  
(Gestão 2018-2020)  
Expressão Popular  
Brasília/São Paulo, 2020



## PRÓLOGO

Este livro propõe uma reconsideração da teoria da dependência, que alcançou uma grande notoriedade nos anos 1970, posteriormente enfrentou um declínio e, atualmente, começa a ressurgir.

O balanço dessa concepção requer esclarecer, sobretudo, suas vertentes internas. Esse espectro incluiu inicialmente as três principais escolas do pensamento econômico latino-americano. No clima radicalizado da época, diferentes modalidades de marxismo, liberalismo e desenvolvimentismo compartilharam a mesma autodenominação ao criar um parentesco efêmero entre abordagens conflitantes.

Somente a variante marxista perdurou e gestou um pensamento coerente com os pilares do dependentismo. Ruy Mauro Marini, Theotonio Santos e Vania Bambirra foram seus principais expoentes. Primeiro, reformularam as antigas interpretações de subdesenvolvimento centradas no confisco imperialista dos recursos da periferia. Depois, eles combinaram esse legado com certas peculiaridades da América Latina para explicar a reprodução econômica dependente e a inserção internacional subordinada da região.

A corrente inspirada por Fernando Henrique Cardoso seguiu uma trajetória totalmente oposta. Partiu de uma visão weberiana e entendeu a dependência em termos estritamente políticos. Depois de apresentar diferentes graus de autonomia de regiões e países da América Latina, rejeitou a contraposição básica entre dependência e desenvolvimento.

Cardoso postulou um desenvolvimento associado com as empresas transnacionais e, posteriormente, incorporou todos os

dogmas do neoliberalismo. Sua afinidade anterior com as teorias da modernização contribui para entender o perfil de direita que adotou como presidente. Houve continuidade de pensamento e não apenas improvisação no homem que queimou todos seus escritos para ocupar a cadeira presidencial.

A terceira corrente do dependentismo foi patrocinada pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal) e expressou a etapa de maior radicalização do desenvolvimentismo latino-americano. Essa vertente teve muitos expoentes, mas poucas figuras agregadoras. Promoveu uma combinação de dependentismo e industrialismo, propiciou a regulação estatal da economia e avalizou propostas de reforma agrária. No entanto, assim como seus adversários liberais, posteriormente descartou o marco conceitual dependentista. Desde os anos 1980, o dependentismo ficou totalmente associado com o marxismo.

Alguns comentaristas consideram que a teoria da dependência perdeu influência por estar demasiadamente conectada ao “determinismo econômico”. Mas seus principais expoentes se fundamentavam na tradição marxista de atribuir à economia apenas um papel primordial e condicionante das lutas sociais e dos resultados políticos. Marini e Santos relativizaram inclusive sua condição de economistas e estiveram mais comprometidos com a militância do que em ministrar aulas na universidade.

A ação política motivou, orientou e definiu o perfil das ideias dependentistas em estreita sintonia com a Revolução Cubana. Sem esse acontecimento, a teoria não teria existido na modalidade que emergiu. O que determinou a ascensão e o declínio de seu discurso foi o rumo da revolução e do projeto de construção do socialismo na América Latina. A teoria da dependência conceituou essa expectativa e promoveu um programa anticapitalista.

Seguindo essa pista, deve-se buscar a explicação do paradoxal refluxo dessa teoria no momento de maior atualidade dos seus postulados. Embora a América Latina esteja mais afetada pela dependência do que há 40 anos, a abordagem que esclarece essa

ligação influi menos do que no passado. As razões para esse divórcio podem ser observadas nos acontecimentos no plano político.

Três grandes eventos encerraram o ciclo da Revolução Cubana. Primeiro, a consumada derrota dos movimentos de guerrilha que ambicionavam estender essa transformação para a região como um todo. Em seguida, ocorreu a dramática frustração da Unidade Popular (UP) no Chile. E, por fim, o renascimento revolucionário na Nicarágua foi mutilado com a derrota eleitoral do sandinismo.

Esses desenlaces permitiram a expansão do neoliberalismo que foi contido apenas pelo ciclo progressista da última década. Essa barreira não foi suficiente para frear a restauração conservadora em curso. Em vários momentos dessa variedade de conjunturas, reapareceu a tradição dependentista, mas o contexto regional foi majoritariamente adverso a esse projeto.

Quando esses condicionamentos políticos são omitidos, as avaliações da teoria da dependência incorrem em todo tipo de arbitrariedades. Um exemplo desses equívocos é supor que o dependentismo entrou em declínio devido a sua incapacidade de prever a ascensão do Sudeste Asiático. Vários analistas costumam expor esse diagnóstico centrado nas falhas de um prognóstico.

Mas a industrialização do Oriente não foi prevista por nenhuma escola. A omissão atribuída ao dependentismo também seria válida para pensadores neoclássicos e heterodoxos. Nesses casos, a falha foi maior, pois nem sequer forneceram a explicação básica de um crescimento baseado na exploração dos assalariados. O dependentismo descreveu, ao menos, como as grandes empresas começavam a se transferir para o Sudeste da Ásia para lucrar com o baixo custo e a disciplina da força de trabalho. Além disso, essa avaliação também indica que não houve afinidade com nenhuma variante do estagnacionismo.

Nosso livro enfoca a trajetória seguida pelos autores marxistas. Indaga, primeiro, as observações sobre o tema do próprio autor d'*O capital*. Analisa por que Karl Marx substituiu suas expectativas cosmopolitas juvenis por críticas frontais ao colonialismo e por

uma significativa revalorização da luta nacional. Investiga também as visões de Vladimir I. Lenin, Leon Trotsky e Rosa Luxemburgo sobre o impacto da acumulação primitiva ou do desenvolvimento desigual e combinado na periferia. As teses de Paul Sweezy, Ernest Mandel e dos marxistas do pós-guerra são revistas à luz da drenagem de recursos sofrida pelos países atrasados.

A teoria marxista da dependência transformou essa bagagem conceitual em um enfoque sistemático destinado a esclarecer o funcionamento das economias subdesenvolvidas. A discussão sobre o alcance dessa visão incluiu as controvérsias metodológicas sobre o *status* das leis postuladas. Mas a própria condição da teoria foi posteriormente reformulada nos termos de paradigma, perspectiva ou programa de pesquisa. Em qualquer dessas acepções, constituiu uma escola de pensamento com sólidos fundamentos para interpretar o atraso econômico da América Latina.

No livro, analisamos o frutífero encontro do dependentismo com a teoria do sistema-mundo de Immanuel Wallerstein. Essa abordagem ampliou o horizonte de ambos os enfoques e permitiu explorar as novas noções de semiperiferia para estudar as formações intermediárias. Também houve áreas de discrepância entre ambas as visões. Marini e Santos eram marxistas clássicos que não acreditavam em um fim predeterminado do capitalismo.

Em outra seção, avaliamos a trajetória seguida por Andre Gunder Frank. Sua consagração inicial como um grande difusor do dependentismo perdeu importância, com seu precoce abandono dessa abordagem. Primeiro, contrapôs certas ideias mundialistas ao conceito da dependência e depois acentuou o distanciamento ao postular uma controversa teoria do capitalismo milenar centrado na China. No texto, analisamos as conexões dessa evolução com seu modelo de metrópole-satélite.

Abordamos mais detidamente a figura de Agustín Cueva, autor que, depois de expor severas críticas, convergiu com o dependentismo. Essa confluência gerou um substancial enriquecimento desse paradigma. Cueva questionava as exageradas interpretações

exógenas do subdesenvolvimento como um efeito exclusivo da dependência. Marini, por sua parte, objetava a unilateralidade inversa de explicações meramente endógenas. Debatiam as causas do atraso regional, destacando os efeitos do latifúndio e das exações imperialistas. A complementaridade de ambas as posições emergiu no confronto comum com Cardoso.

Esse repensar coincidiu com a mudança do cenário político. Cueva e Marini discordavam na estratégia socialista. Mantinham afinidades opostas a projetos de transição gradual ao socialismo e processos ininterruptos de radicalização. Mas, na década de 1980, essa divergência ficou em segundo plano frente à batalha comum contra a adaptação social-democrata à virada neoliberal. Esse novo cenário modificou todas as linhas divisórias do espectro dependentista. Ao contrário de Gunder Frank, Cueva não apenas manteve maior proximidade com esse universo, mas também contribuiu com concepções historiográficas mais precisas sobre a origem do capitalismo na América Latina.

Seu complemento com Marini deriva também do tipo de problemas estudados. Ele concentrou sua análise em países como Equador, Bolívia ou Peru, ainda dominados pela problemática do campesinato e do latifúndio. Marini, por sua vez, investigou o rumo de uma sociedade como a brasileira, já marcada pelos desequilíbrios da industrialização. Eles avaliaram dois contextos diferentes com a mesma lógica da dependência.

Sua convergência permite reconsiderar essa teoria ao superar a simples descrição ou reivindicação ritual. A síntese entre Cueva e Marini fornece bases para uma abordagem não apenas integral, mas também rival do liberalismo e do desenvolvimentismo. Em torno deste tripé são resolvidas as grandes divergências teóricas do passado e da atualidade.

A teoria da dependência ultrapassou o marco latino-americano e se nutriu de significativos trabalhos para além da região. A obra de Samir Amin constitui a contribuição mais destacada desse universo. Pesquisou sobre os mesmos assuntos a partir da



Europa, Ásia e África com uma visão mais global. Investigou os problemas das velhas sociedades orientais submetidas ao colonialismo e não de um Novo Mundo capturado por essa dominação. É por isso que sua análise das formações tributárias é tão diferente da controvérsia clássica sobre o feudalismo e o capitalismo colonial.

Como seus colegas latino-americanos, Amin combinou abordagens da história e da economia com grande atenção às referências políticas da esquerda. Seu pensamento esteve particularmente motivado pela convergência do nacionalismo revolucionário com o socialismo em diferentes áreas do Terceiro Mundo.

No livro, analisamos as categorias econômicas mais detidamente do que os conceitos políticos da teoria da dependência. Planejamos abordar esse segundo plano em um estudo sobre o marxismo latino-americano. Por isso, neste texto, Marini ocupa um papel mais relevante do que outras figuras, como Santos, recentemente falecido. Theotonio trabalhou em uma tradição de abordagens mais familiares a Lenin do que aos modelos abstratos d'*O capital*. Por isso, incursionou em detalhadas reflexões sobre o Estado, as classes dominantes e a burocracia que, em sua obra posterior, assumiram conotações controversas.

As categorias econômicas do dependentismo são revisadas no texto à luz da realidade contemporânea. Por isso, a análise da superexploração inclui a reconsideração que Marini enfrentou ao destacar como a globalização do capitalismo alterava a singularidade periférica do conceito. Essa reformulação abre um debate entre aqueles que repensam a dinâmica desse princípio e os autores que defendem seu formato tradicional.

A revisão do ciclo dependente gera menos controvérsia, mas levanta mais questões sobre suas modalidades atuais. É óbvio que ela não opera da mesma maneira na Coreia do Sul e no Brasil. No texto, propomos algumas hipóteses dessas diferenças que dividem, radicalmente, a trajetória das economias intermediárias ascendentes e descendentes.

Como essa divisão não está determinada exclusivamente por condicionamentos econômicos, reavaliemos o conceito de subimperialismo. Essa noção tem sido retomada nos debates recentes sobre os países dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul). Na nossa opinião, trata-se de uma categoria com maior relevância geopolítica que econômica e esclarece o papel das potências intermediárias com capacidade de ação no plano militar. Adapta-se mais ao perfil adotado pela Turquia e Índia do que para o Brasil ou a África do Sul. Essas caracterizações nos levam a debater, também, o significado atual do imperialismo em suas modalidades tradicionais, coletivas e emergentes.

Finalmente, abordamos a complexa relação do dependentismo com a teoria do valor. O interesse dessa conexão reside na reconsideração dos debates sobre a troca desigual à luz da atual globalização produtiva.

Reunimos, especialmente, as pesquisas sobre a forma em que a mais-valia é transferida às empresas situadas no topo da cadeia de valor. O que o dependentismo intuiu nas maquiladoras se verifica, atualmente, nas redes globais de fabricação. Como o significado da renda também foi recolocado, analisamos uma maneira de integrar essa categoria na teoria da dependência.

O livro foi elaborado com leituras e exposições que complementaram as intensas discussões com partidários e opositores do dependentismo. A paixão desses debates tem sido um bom termômetro das reações que essa teoria suscita.

Meu agradecimento a todos os interlocutores, mas especialmente a Julio Fabris, Adrián Piva, Leandro Morgenfeld e Facundo Lastra, que comentaram as primeiras versões de cada capítulo. Nossa revisão da superexploração já gerou réplicas e respostas. Nessas discussões, convém o cuidado para não repetirmos as contraposições extremas entre partidários de uma mesma concepção.

A teoria da dependência não é uma peça de museu. Ela fornece uma base fundamental para compreender o subdesenvolvimento da periferia. Mas seu formato original oferece uma visão insuficien-

te para conseguir esse entendimento. É necessária uma renovação para reconstituí-la como tese explicativa do capitalismo dependente. O objetivo deste livro é sugerir linhas para essa reinvenção.